

A viagem de um Regresso – Carta imaginária Manuel Teixeira Gomes

Parti para exílio. Levando comigo os meus ideais, de livre vontade, parti à procura da luz e sem vontade de regresso.

A democracia republicana em que acreditei foi deturpada pelas vaidades pessoais e por uma visão do poder efémero, num crescendo impositivo.

Todavia, a saudade do azul do Algarve num mês de agosto quente e húmido, permanecem no meu pensamento libertador. Foi aí que me perdi de amor e que perdi o amor.

Maratu, meu fiel companheiro, contou-me as boas novas, de como subterraneamente na pátria mãe, uma nova moral fervilha. A correspondência dos nossos amigos universitários e doutos intelectuais dá-nos conta da vontade de dar um jeito aos fingidos republicanos e de reiterar a afirmação dos valores de igualdade e liberdade do nosso pensamento. É a esse Portugal que desejo regressar.

Parti, mas não esqueci...

Que memórias da infância feliz de Ferragudo e Portimão! Do *lilás-azulado da baía* e do seu contraste com a quente e pálida tez da minha avó, que sempre me acolhia naquelas longas tardes de Verão. Reconheço ainda o cheiro do peixe e dos frutos secos, mas recordo mais ainda o perfil e a nudez dos corpos na areia.

Parti. É tarde.

Corre hoje uma aragem fria, as sombras dominam a paisagem e por momentos, a luz desvanece. Regresso dentro de mim às ilusões ambicionadas. A fuga é sempre uma nova possibilidade. As noites prolongam-se repletas de sensações e emoções, são palco do jogo, da consciência, do erotismo e da solidão.

Celibatário de uma vontade incontrolável do reencontro, vejo-me refém de causas que não cumprir. Tão mais longe que outrora, experimento o fado da saudade.

Parti. Somaram-se terras, paragens, aventuras mas só tu preenchesste o meu ser. Desejo-te tanto como à vida. Terá sido em vão?

Hoje, perto do fim, quero-te tanto como a maior paixão de uma noite de Verão. Não lutei...perdi.

Alexandra Rodrigues Gonçalves/27.maio.2016